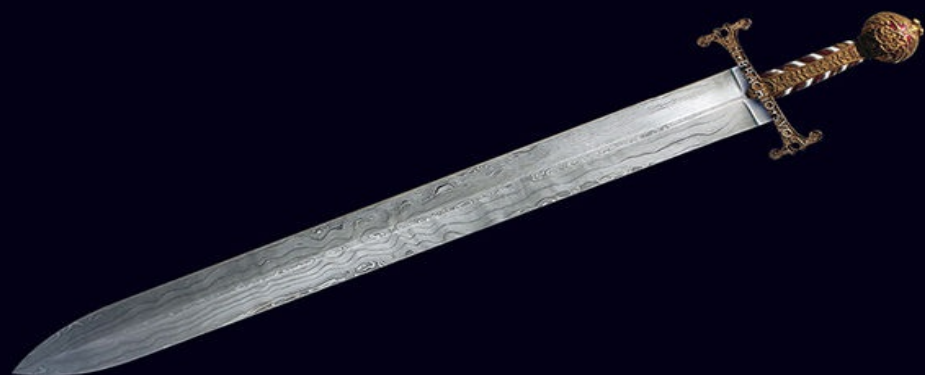


*Nora Roberts*

*escrevendo como*

J.D.  
**ROBB**



*Fantasia*

**MORTAL**

**B**

BERTRAND BRASIL

# J. D. ROBB

## SÉRIE MORTAL

*Nudez Mortal*

*Glória Mortal*

*Eternidade Mortal*

*Êxtase Mortal*

*Cerimônia Mortal*

*Vingança Mortal*

*Natal Mortal*

*Conspiração Mortal*

*Lealdade Mortal*

*Testemunha Mortal*

*Julgamento Mortal*

*Traição Mortal*

*Sedução Mortal*

*Reencontro Mortal*

*Pureza Mortal*

*Retrato Mortal*

*Imitação Mortal*

*Dilema Mortal*

*Visão Mortal*

*Sobrevivência Mortal*

*Origem Mortal*

*Recordação Mortal*

*Nascimento Mortal*

*Inocência Mortal*

*Criação Mortal*

*Estranheza Mortal*

*Salvação Mortal*

*Promessa Mortal*

*Ligação Mortal*

*Fantasia Mortal*

*Nora Roberts*

escrevendo como

J. D. ROBB

FANTASIA  
MORTAL

*Tradução*  
Renato Motta

1ª edição

**B**  
**BERTRAND BRASIL**  
Rio de Janeiro | 2018

Copyright © 2010 by Nora Roberts  
Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.  
Título original: *Fantasy in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
2019

Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R545f

Robb, J. D.

Fantasia mortal [recurso eletrônico] / Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb ; tradução  
Renato Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2019.  
recurso digital (Mortal ; 30)

Tradução de: Fantasy in death

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2393-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Roberts, Nora. II. Motta, Renato. III. Título. IV.  
Série.

19-54558

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

---

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra,  
por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:  
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão – 20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

*Qual dos dois você prefere ser:  
Um campeão olímpico  
ou o arauto que o anuncia?*

— PLUTARCO

*É verdade, falo de sonhos  
Que são filhos de um cérebro ocioso.  
Não produzo nada além de fantasias vãs.*

— WILLIAM SHAKESPEARE

## SUMÁRIO

Capítulo Um  
Capítulo Dois  
Capítulo Três  
Capítulo Quatro  
Capítulo Cinco  
Capítulo Seis  
Capítulo Sete  
Capítulo Oito  
Capítulo Nove  
Capítulo Dez  
Capítulo Onze  
Capítulo Doze  
Capítulo Treze  
Capítulo Quatorze  
Capítulo Quinze  
Capítulo Dezesseis  
Capítulo Dezesete  
Capítulo Dezoito  
Capítulo Dezenove  
Capítulo Vinte  
Capítulo Vinte e Um  
Capítulo Vinte e Dois

Epílogo

## CAPÍTULO UM

Enquanto relâmpagos golpeavam e cortavam como espadas o arranhado escudo daquele céu, Bart Minnock assobiava a caminho de casa pela última vez. Apesar da chuva torrencial, o humor de Bart acompanhava o compasso da alegre melodia quando ele cumprimentou o porteiro com uma breve saudação.

— E aí, sr. Minnock?

— Tudo em cima, Jackie. Cada vez mais para cima.

— Essa chuva podia fazer o mesmo e parar de cair.

— Que chuva? — Com uma risada, Bart caminhou a passos encharcados até o elevador.

Trovões explodiam em toda a ilha de Manhattan. Os transeuntes do meio-dia se encolhiam sob os guarda-chuvas superfaturados, comprados de vendedores ambulantes nas calçadas, enquanto maxiônibus lançavam colunas de água no ar quando passavam. No mundo de Bart, porém, o sol irradiava seus raios dourados.

Ele tinha um encontro marcado com a sensual CeeCee, o que não era de se desprezar para um autoproclamado nerd que fora virgem até os vinte e quatro anos — algo um pouco embaraçoso.

Cinco anos depois, e em grande parte devido ao sucesso da U-Play, ele podia escolher entre as muitas mulheres ávidas por ele — mesmo que todo aquele interesse fosse provocado, principalmente, pelo dinheiro e pela publicidade gerados por sua empresa.

Ele não se importava.

Sabia que não era lá muito bonito e aceitava o próprio constrangimento em situações românticas (com exceção da sensual CeeCee). Ele não conhecia arte ou



literatura e não saberia a diferença entre um vinho de boa safra e uma bebida barata. O que ele conhecia bem eram os computadores, os videogames e o efeito sedutor da tecnologia.

De qualquer modo, CeeCee era diferente, refletiu enquanto destrancava a porta e desligava o sistema de segurança do seu tríplice com uma vista quatro estrelas para o centro da cidade. Ela gostava de videogames e não se importava com vinhos finos ou galerias de arte.

Mas a noite com a doce e sensual CeeCee não era o motivo dos assobios ou do enorme sorriso de orelha a orelha enquanto religava o sistema de segurança das trancas da porta.

Ele estava com a última versão de *Fantastical* em sua pasta e, até terminar de testar, jogar e aprovar tudo, o jogo era todo dele.

Seu comunicador interno o recebeu com um animado *Seja bem-vindo, Bart*. A sua androide de serviço — réplica em tamanho real da Princesa Leia, do clássico *Star Wars*, na versão escrava (ser nerd não fazia dele menos homem) — entrou e lhe ofereceu seu refrigerante de laranja favorito, com gelo picado.

— Você voltou cedo para casa.

— Tenho muito trabalho a fazer no salão holográfico.

— Não se canse demais. Você precisa sair em duas horas e doze minutos para chegar ao apartamento de CeeCee a tempo. E deve comprar flores no caminho. Vai passar a noite lá?

— É o que pretendo.

— Aproveite, então. Seus tênis estão muito molhados. Quer que eu lhe traga um novo par?

— Tudo bem, não precisa. Eu pego quando subir.

— Não se esqueça — disse ela, com aquele sorrisinho de Princesa Leia que sempre mexia com Bart. — Devo tornar a lembrá-lo do encontro quando estiver chegando a hora?

Ele colocou a pasta de lado e sacudiu o cabelo castanho claro que sempre lhe caía sobre os olhos.

— Não, tudo bem. Vou usar o alarme do salão holográfico. Você pode se desligar até amanhã de manhã.

— Certo. Estarei aqui caso precise.

Normalmente, ele usava sua Leia para praticar habilidades de conversa e ter

alguma companhia enquanto contava como fora o seu dia e falava dos projetos atuais. Não havia ninguém melhor para isso que os andróides, na opinião de Bart. Eles nunca julgavam as pessoas, a menos que fossem programados para tal.

Mas *Fantastical* o chamava. Ele abriu a pasta, pegou o disco e deu-lhe um beijinho enquanto subia as escadas.

Tinha decorado o apartamento de acordo com seu gosto pessoal, então os colecionáveis eram abundantes. Havia réplicas, armas e fantasias; cartazes de videogames ornamentavam e o entretinham em cada cômodo, e todos os andares eram equipados com diversos consoles, sistemas de vídeo, telões e computadores.

Aquilo, para Bart, era um sonho realizado. Sua vida e seu trabalho pareciam um grande playground cheio de equipamentos e jogos eletrônicos.

O escritório, no segundo andar, era uma reprodução em escala da ponte de comando da nave de batalha intergaláctica *The Valiant*, do jogo de mesmo nome. O trabalho na franquia tinha dado à então recente U-Play o seu verdadeiro impulso.

Ele se esqueceu de tirar os sapatos e a camisa molhados e foi direto para o terceiro andar.

A segurança no salão holográfico exigia impressão digital, um registro de voz e uma leitura de retina. Um exagero, ele sabia, mas era muito mais divertido assim, e diversão sempre era o mais importante. Ele até poderia abrir aquele espaço para amigos e convidados, mas gostava de manter seus mistérios ao estilo superespião.

Reativou os sistemas de segurança ao entrar e desligou todos os comunicadores. Durante a hora — hora e meia, talvez — em que pretendia jogar, não queria ser interrompido.

O foco principal dos jogos, na cabeça de Bart, era a imersão do jogador na fantasia, na competição ou, simplesmente, na diversão. E *Fantastical* levaria essa imersão além do que já existia no mercado em meados do ano de 2060.

*Isso se os ajustes e aprimoramentos mais recentes funcionarem*, lembrou o empresário que existia dentro do *gamer*.

— Vão funcionar. Vai ser *mag* à enésima potência — murmurou ao inserir o disco e ligar o console. Mais uma vez, ele usou o registro de voz e, em seguida, uma senha. A nova versão era absolutamente confidencial. Ele e seus sócios não tinham criado a U-Play simplesmente por serem *geeks*. Ele entendia muito bem a

concorrência acirrada que havia no mercado de videogames, e as ideias de espionagem estimulavam nele certa adrenalina.

Ele era um jogador, pensou. Não só na área dos videogames, mas também nos *negócios* que gerenciava. O sucesso da U-Play tinha proporcionado tudo que ele, seus amigos e sócios planejaram, tudo aquilo que tinham sonhado e trabalhado tanto para conseguir.

Com *Fantastical*, a briga ficaria mais séria, e eles — pensou, cruzando os dedos — se tornariam *grandes* jogadores.

Ele já havia decidido o cenário, o personagem favorito e o nível. Tinha ensaiado, estudado, refinado e reformulado aquela fantasia e seus incontáveis elementos durante o desenvolvimento, e tudo estava definido para o jogo de codinome RCCT. Agora, ele iria desempenhar o papel do herói abatido e cínico, que lutava contra as forças do mal no sitiado reino de Juno, no planeta ameaçado de Gort.

As paredes espelhadas do salão holográfico refletiam Bart quando a luz começou a girar e diminuir, enquanto sua calça cáqui muito amassada e úmida, a camiseta do Capitão Z e os calçados molhados se transformavam no equipamento de batalha e nas botas do rei guerreiro.

Em sua mão, ele sentiu o punho e o peso da espada larga. E a emoção forte... sim, a emoção exacerbada da personificação do herói e da batalha que estava por vir.

Excelente, pensou ele. *Excellente primo*. Dava para sentir e ver a fumaça da batalha e o sangue já derramado. Ele tocou o próprio braço e sentiu a protuberância do bíceps, a pele marcada por uma cicatriz antiga.

Fisgadas e dores por todo o corpo revelavam ferimentos mal cicatrizados e uma vida inteira de combate.

O melhor é que ele se *sentia* forte, ousado, corajoso, feroz. Tinha se tornado o valente rei guerreiro, pronto para liderar suas tropas exaustas e feridas — seus incontáveis guerreiros — em batalha.

Soltou um grito de guerra — porque podia fazer isso — e ouviu o poder de sua voz reverberar no ar.

Aquilo era o máximo!

A barba por fazer cobria seu rosto e um emaranhado de cabelos fazia cócegas em seu pescoço e ombros.

Ele *era* Thor, o guerreiro, o protetor, o Rei de Juno por herança e justiça.

Montou seu cavalo de batalha na segunda tentativa — o que não era mau — e se lançou ao combate. Ouvia os gritos de aliados e inimigos quando suas espadas se chocaram e lanças de fogo jorraram morte. Sua amada Juno estava em chamas, então ele abriu caminho através das linhas inimigas enquanto o sangue espirrava e o suor escorria por sua pele.

Por sugestão de Benny, seu sócio, eles tinham adicionado um interesse amoroso opcional à história. A fim de alcançar sua mulher, uma corajosa e bela guerreira que defendia com bravura as muralhas do castelo, ele tinha que abrir caminho até a linha de frente e se envolver na batalha final, *mano a mano*, com o impiedoso Lorde Manx.

Ele já tinha alcançado essa fase inúmeras vezes durante o desenvolvimento do programa e conseguira ultrapassá-la algumas poucas, já que programou o desafio para o nível máximo da escala de dificuldade. Era preciso habilidade, noção de tempo, agilidade para seguir com a luta, desviar-se das chamas de lanças e flechas e ainda rechaçar os golpes de espada. Se não fosse assim, de que serviria lutar?

Qualquer golpe sofrido diminuiria a sua pontuação e poderia deflagrar uma retirada humilhante ou uma morte valorosa. Dessa vez, porém, ele não tentava apenas passar de fase, e sim bater um novo recorde.

Seu cavalo relinchou, desafiador, enquanto galopava em meio ao fedor e à fumaça, pulando sobre os corpos dos que tombaram. Ele se preparou e se agarrou às rédeas quando o animal se ergueu sobre as patas traseiras e, mesmo assim, quase foi derrubado.

Toda vez que isso acontecia, ele enfrentava Manx a pé; e, toda vez que enfrentava Manx a pé, perdia o trono, a mulher e o jogo.

Mas não daquela vez, jurou a si mesmo, e soltou outro grito estrondoso quando rompeu a fumaça.

Ali estavam as muralhas do seu lar, onde os bravos lutavam contra aqueles que tentavam destruí-lo. E, logo ali, a visão do rosto sombrio e assustador de Lorde Manx, sua espada vermelha com o sangue de inocentes.

Ele sentiu uma pontada de dor pela perda, pelos momentos mais felizes de sua infância, antes que o assassinato e a mentira a tivessem maculado.

— Sua armadilha falhou! — anunciou Bart.

— Eu ficaria desapontado se isso não acontecesse. — Manx sorriu, e seus

olhos negros tinham o brilho da morte. — Sempre foi o meu desejo que nos encontrássemos aqui, para eu por um fim em você e em sua linhagem exatamente neste solo.

— Tudo vai acabar aqui, mas será com o seu sangue.

Os dois homens atacaram; suas espadas se encontraram. Um relâmpago explodiu com um forte estrondo quando as lâminas se cruzaram. Bart tinha adicionado aquele efeito para aumentar a dramatização.

Bart sentiu a força do impacto subir pelo seu braço, e a pontada de dor em seu ombro fez com que ele anotasse mentalmente que era preciso diminuir a intensidade daquela fase. O realismo era importante, mas ele não queria *gamers* reclamando do exagero na programação.

Ele se virou ao pressentir o próximo golpe, bloqueando-o, e sentiu um *estalo* violento no ombro. Quase ordenou uma pausa no programa, mas estava muito ocupado evitando mais um golpe.

Que diabos, pensou enquanto golpeava, e quase conseguiu abrir a guarda de Manx. Vencer não significava nada se o jogador não lutasse para isso.

— Sua mulher será minha antes do anoitecer — rosnou Manx.

— Ela vai dançar sobre o seu túmu... Ei! — Sua espada escorregou e a lâmina do inimigo lhe cortou o braço. Em vez do rápido solavanco para marcar o golpe, a dor lhe provocou uma ardência absurda. — Que diabos?! Pausar!

Só que, para Bart, era fim de jogo.

A tenente Eve Dallas exibiu o distintivo para o porteiro chocado e logo seguiu em frente. O sol e o calor sufocante, após a tempestade da noite anterior, tinham melhorado o seu humor. Ao lado dela, sua parceira, Peabody, se arrastava aos resmungos.

— Há alguns meses, você não parava de reclamar do frio. Agora, reclama do calor. Nunca está satisfeita — disse Eve.

Peabody, com o cabelo escuro preso para trás em um pequeno rabo de cavalo, continuou a reclamar.

— Será que não conseguem regular a temperatura?

— Quem?

— O pessoal da previsão do tempo. Já deve existir tecnologia para isso. Por que não programam, pelo menos, duas semanas em uns vinte e três graus? Não é

pedir muito, é? Você bem que poderia sugerir que Roarke trabalhasse nisso.

— Tudo bem, vou sugerir que Roarke entre nesse ramo, assim que ele acabar de comprar os últimos dez por cento do universo. — Eve se sentia atônita enquanto elas esperavam o elevador, e pensou no homem que era seu marido havia quase dois anos. Na verdade, ele poderia ter alguma ideia. — Se você quer temperatura estável enquanto ganha a vida, vá procurar um emprego em que trabalhe dentro de uma sala refrigerada.

— Em junho, deveríamos ter margaridas e uma brisa leve. — Peabody acenou com a mão no ar. — Em vez disso, temos trovões, tempestades e uma umidade de matar.

— Gosto dos trovões.

Os olhos escuros de Peabody se estreitaram enquanto analisavam o rosto anguloso de Eve.

— Você, provavelmente, curtiu uma bela sessão de sexo na noite passada. Está quase alegre.

— Qual é? Eu nunca fico alegre.

— Quase. Está chegando ao nível “alegrinha”.

— E você está chegando ao nível de levar um chute no traseiro.

— Qualquer coisa é melhor que esse calor.

Divertindo-se com aquilo, Eve endireitou as costas, exibindo sua compleição magra e alta, e, por fim, saiu a passos largos do elevador quando as portas se abriram.

Os policiais no corredor se puseram em posição de sentido.

— Tenente.

— Oficial. O que temos até agora?

— Bart Minnock é a vítima, o cara da U-Play.

— O cara de onde?

— U-Play, senhora; é uma empresa de videogames para computador e videogames holográficos. A namorada encontrou o corpo agora de manhã. Ele furou com ela ontem à noite, segundo a mulher. Então ela veio aqui para acabar com a raça dele. A androide da casa a deixou entrar e, quando ela chegou aqui, ele estava trancado no salão holográfico, mas ela conseguiu que a androide abrisse a porta. — O policial fez uma pausa. — Acho que é melhor a senhora ver por si mesma.

— Quem é a namorada?

— O nome dela é CeeCee Rove. Nós a deixamos lá dentro e um guarda está com ela. A androide está em modo de espera.

— Vamos ver a cena do crime primeiro.

Ela entrou e olhou em volta. O primeiro andar era um ambiente que parecia o clube de um adolescente muito rico e egocêntrico.

Cores primárias e fortes, com mais almofadões do que móveis, paredes cheias de telões, jogos e mais jogos, brinquedos — basicamente, colecionáveis de guerra. Aquilo não era exatamente uma sala de estar, e sim um imenso salão de jogos. Eve refletiu que, considerando a profissão da vítima, aquilo era adequado.

— Ele está no terceiro andar, tenente. Há um elevador.

— Vamos subir pelas escadas.

— Isso é uma espécie de parque de diversões pessoal — comentou Peabody quando elas começaram a subir. — McNab iria chorar de alegria e inveja se estivesse aqui — acrescentou, pensando no namorado. — Tenho de reconhecer que é *mag!*

— Ele pode ter vivido como criança, mas tinha um sistema de segurança muito adulto na porta. — Ela passou rapidamente pelo segundo andar, tempo suficiente para determinar que a suíte principal era outro playground e os quartos de hóspedes eram equipados para muita diversão. Ele mantinha um escritório em casa que a fez se lembrar do laboratório de informática de Roarke, só que em tamanho menor e com detalhes mais fantásticos.

— Ele levava o trabalho a sério — murmurou. — Literalmente *vivia* o trabalho.

Voltou para as escadas, subiu e foi até o policial que estava na porta do salão holográfico.

— Esta porta estava trancada?

— A namorada afirma que sim, e os computadores estavam desligados. A androide confirmou, já que tinha autorização para entrar aqui em casos de emergência. Os registros mostram que a vítima entrou e trancou o salão exatamente às dezesseis horas e trinta e três minutos de ontem. Não houve nenhuma outra entrada ou tentativa de arrombamento até as nove horas e dezoito minutos desta manhã.

— Tudo bem. — Eve e Peabody abriram os seus kits de trabalho e selaram as

mãos e as botas. — Ligue a filmadora — ordenou Eve, e foi até a porta.

Ela não costumava ficar surpresa. Já era policial havia quase doze anos e, embora soubesse que não tinha visto de tudo — ninguém tinha —, ela já vira muita coisa.

Mas seus grandes olhos castanhos se arregalaram por alguns segundos diante da cena.

— Puxa, isso é algo que não se vê todo dia.

— Oh, meu Deus! — Peabody respirou fundo.

— Nem pense em vomitar.

— Vou lembrar disso — Peabody engoliu em seco. — Já estou bem.

O corpo jazia esparramado, braços e pernas abertos na poça de sangue que se espalhava pelo chão. A cabeça estava a vários metros de distância, os olhos fixos e arregalados, a boca aberta em espanto.

— Podemos dizer que a vítima perdeu a cabeça, e isso é um bom palpite para a causa da morte. Sozinho, em um salão holográfico trancado por dentro, sem armas. Interessante. Bem, vamos dar uma olhada.

Ela ouviu Peabody engolir em seco novamente.

— Pegue o console e veja o que ele programou — ordenou Eve. — Quero todos os discos e registros do sistema de segurança, principalmente os desta unidade.

— É para já — disse Peabody, grata pela tarefa, quando Eve foi em direção ao corpo.

Apenas para registro, Eve confirmou as impressões digitais.

— A vítima foi identificada como Bart Minnock, morador deste endereço, vinte e nove anos. — Ela pegou seus micro-óculos. — Pelo exame na cena, parece que a cabeça foi decepada por um único e poderoso golpe. Não há sinais de uso de serra nem de invasão. — Ela ignorou o som discreto de engasgo que Peabody emitiu. — Além disso, a vítima sofreu uma incisão de quinze centímetros no antebraço esquerdo. Há algumas contusões, mas nenhuma teria sido fatal. O médico-legista poderá confirmar isso. Morris vai adorar isso aqui — acrescentou, depois se levantou para examinar a cabeça.

— Só pode ter sido uma tremenda lâmina, larga e muito afiada, para decapitá-lo de forma tão certa. Foi um golpe muito forte. A incisão secundária pode ter vindo da mesma arma. Um golpe oblíquo ou algo assim. Um ferimento



defensivo. As contusões são bem menores.

Ela se agachou, com a cabeça do homem aos seus pés.

— Não há nada no local que possa ter causado esses ferimentos. Seria impossível ele ter decepado a própria cabeça, deliberada ou acidentalmente, com o que temos aqui na sala.

— Não consigo ligar — informou Peabody. — O programa. O disco nem sequer pode ser ejetado sem a senha correta. Tudo que tenho é o horário do início e do término do programa. Ele foi executado por pouco mais de trinta minutos e terminou às dezessete horas e onze minutos.

— Então ele chegou em casa, veio direto aqui para cima e ligou o console. Parece que jogou durante esses trinta minutos. Precisamos chamar uma equipe de peritos em eletrônica. E quero que o legista faça um exame toxicológico. Talvez tenham oferecido alguma droga a ele; pode ser que o tenham convencido a driblar a própria segurança de algum jeito e manter tudo fora dos registros. Grave a cena e, depois, investigue a androide. Vou conversar com a namorada.

Eve encontrou CeeCee na sala de mídias eletrônicas, no primeiro andar. Uma loura bonita com uma explosão de cachos, ela estava sentada em uma das espaçosas poltronas. Isso a fazia parecer menor, apesar das pernas dobradas e das mãos entrelaçadas no colo. Seus olhos — grandes, claros e azuis — estavam avermelhados, inchados e ainda vidrados pelo choque.

Eve dispensou o guarda com um aceno de cabeça, se aproximou dela e se sentou.

— Srta. Rove?

— Sim, eu mesma. Devo permanecer aqui. Alguém pegou meu *tele-link*. Eu deveria chamar alguém, não deveria?

— Nós vamos devolver seu *tele-link*. Sou a tenente Dallas. Por que não me conta o que aconteceu?

— Já contei a alguém. — CeeCee olhou em volta, com expressão vaga. — Era outro policial. Estive pensando aqui... Bart armou alguma pegadinha? Ele faz isso às vezes. Inventava coisas assim. Gosta de zoar. Tudo isso é encenação?

— Não, não é. — Eve posicionou a cadeira de frente e se sentou para olhar nos olhos de CeeCee. — Você ia se encontrar com ele na noite passada?

— Sim, na minha casa. Às oito da noite. Preparei o jantar. Íamos jantar na minha casa porque gosto de cozinhar. Bem, às vezes. Mas ele não apareceu.

— O que você fez?

— Às vezes, ele se atrasa. Fica trabalhando até tarde. Às vezes, sou eu que me atraso, então tudo certo. Mas ele não apareceu e não atendeu ao *tele-link*. Também liguei para o trabalho dele, mas Benny me disse que ele tinha saído de lá pouco depois das quatro para trabalhar em casa durante algumas horas.

— Benny?

— Benny Leman. Ele trabalha com Bart e ainda estava lá. Eles ficam até muito tarde, isso é comum. Gostam disso.

— Você veio aqui para descobrir o que ele andava aprontando?

— Não. Quase fiz isso. Fiquei revoltada porque tive muito trabalho para preparar tudo, entende? Puxa, eu *cozinhei* de verdade, comprei vinho, velas e tudo o mais. — Ela inspirou com força, mas soluçou e gaguejou. — Ele não deu as caras e nem sequer me avisou que iria se atrasar. Ele se esquece, tudo bem, mas sempre responde quando mando mensagens ou se lembra antes que seja tarde demais. Geralmente, ele programa lembretes. Mas eu estava muito zangada e chovia muito. Então pensei: *Não vou sair de casa agora, com toda essa chuva*. Tomei um pouco de vinho, jantei e fui para a cama pensando: *Ele que se dane!*

Ela cobriu o rosto, lamentando, e se balançou para frente e para trás, enquanto Eve permanecia em silêncio.

— Disse para mim mesma: *Dane-se, Bart, eu fiz um jantar muito legal*. Mas, hoje de manhã, fiquei *realmente* furiosa porque ele, além de não aparecer, nem tentou retornar minhas ligações. Como meu expediente só começa às dez, vim para cá. E pensei: *Tudo bem, é hoje que nós vamos ter nossa primeira briga séria, porque isso não é maneira de se tratar alguém*. Ou é?

— Não. Há quanto tempo vocês estão se relacionando?

— Há quase seis meses.

— E essa seria a sua primeira briga séria? Verdade?

CeeCee sorriu de leve, embora as lágrimas continuassem a escorrer.

— Fico um pouco irritada de vez em quando, mas não dá para ficar brava com Bart por muito tempo. Ele é um amorzinho. Mas, dessa vez, eu ia soltar os cachorros. Leia me deixou entrar.

— Quem é Leia?

— Ah, a androide da casa. Ele a projetou para parecer uma personagem de *Star Wars, O Retorno de Jedi*.

— Ok.

— Enfim, Leia me avisou que ele estava no salão holográfico, totalmente trancado, e tinha desligado todos os comunicadores: não perturbe. De acordo com o registro matinal dela, ele estava lá desde as quatro e meia da tarde de ontem, mais ou menos. Foi aí que fiquei preocupada. Achei que ele tinha passado mal lá dentro, ou desmaiado, sei lá, e a convenci a destrancar a porta.

— Você *convenceu* uma androide?

— Bart a programou para me obedecer depois que começamos a namorar. Além disso, ele já tinha ultrapassado o seu limite de doze horas de isolamento. Então ela abriu a porta e...

Seus lábios tremeram e seus olhos se arregalaram novamente.

— Como aquilo pode ser real? Primeiro, pensei que fosse verdade e gritei. Depois, achei que fosse alguma piada, que era um androide, e quase fiquei revoltada de novo. Mas percebi que era Bart. Era ele mesmo. E foi horrível.

— O que você fez?

— Acho que desmaiei por alguns segundos, mas não cheguei a cair. Não sei descrever... Por um segundo, ou um minuto, tudo ficou preto, girando, e, quando parou, eu corri. — Lágrimas lhe desceram pelas bochechas, e ela ficou vermelha. — Corri para o andar de baixo. Quase caí, mas descí as escadas e liguei para a polícia. Leia me obrigou a sentar e me preparou um chá. Ela disse que tinha havido um acidente e que teríamos de esperar pela polícia. Tudo isso estava em sua programação, eu acho. Mas não pode ter sido um acidente. Como aquilo pode ser um acidente? *Tem* de ser um acidente!

— Você conhece alguém que quisesse machucar Bart?

— Como alguém poderia querer o mal de Bart? Ele é apenas um criança. Um criança muito inteligente.

— E quanto à família dele?

— Os pais moram na Carolina do Norte. Quando a U-Play decolou, ele comprou uma casa na praia para eles, como sempre quiseram. Oh, Deus, meu Deus, os pais dele! Alguém precisa contar a eles.

— Vou cuidar disso.

— Certo. — Ela fechou os olhos com força. — Vai ser melhor, porque acho que eu não conseguiria. Não sei como enfrentar nada disso.

— E quanto a você? Tem ex-namorados?

Seus olhos se arregalaram.

— Oh, Deus, não. Quer dizer, sim, tive namorados antes de Bart, mas ninguém que... Nunca tive um tipo de separação que pudesse provocar... Não estava saindo com ninguém que fosse especial ou firme antes de me ligar ao Bart.

— E no trabalho dele? Bart teve que demitir alguém recentemente ou repreendeu com firmeza algum dos funcionários?

— Acho que não. — Ela passou os dedos nas bochechas com a testa franzida, refletindo sobre a pergunta. — Ele nunca comentou nada sobre isso comigo, e, certamente, o teria feito. Pelo menos acho que sim. Ele odiava confrontos, exceto nos videogames. Teria me contado se tivesse problemas com alguém no trabalho, eu creio. Ele é um cara feliz, sabe? Também faz outras pessoas felizes. Como isso pôde acontecer? Não sei como. Você sabe?

— Ainda não.

Eve fez com que CeeCee fosse levada para casa e começou sua própria investigação, cômodo por cômodo. Havia muitos, observou, e cada um deles fora projetado para que os ocupantes pudessem jogar com bastante conforto. Poltronas espaçosas e sofás enormes pareciam gritar com suas cores berrantes. Nada de coisas sem graça para Bart. Os cardápios dos AutoChefs e o conteúdo das geladeiras eram voltados para aquele gosto adolescente — pizzas, hambúrgueres, cachorros-quentes, batatas fritas e doces. Havia refrigerante e, em número bem menor, vinho, cerveja e outras bebidas alcoólicas.

Ela não encontrou drogas ilícitas, apenas alguns medicamentos comuns de venda liberada.

Estava quase completando sua busca inicial na suíte principal quando Peabody entrou.

— Não encontrei substâncias ilegais de nenhum tipo — informou Eve. — Não há brinquedos sexuais também, embora ele tenha algum material pornográfico em vídeo e em discos de jogos. A maioria dos computadores exige senha para o acesso, e os que não exigem são só consoles para videogames. Nenhum dado especial nem aparelhos de comunicação.

— A androide confirma o depoimento da namorada de que ela foi a primeira a entrar na cena do crime — disse Peabody. — A vítima ordenou o desligamento da androide durante a noite, assim que voltou para casa, e o

registro confirma que isso foi feito. Ela tem um sistema de despertar automático marcado para as nove da manhã, que foi ativado, já que a vítima não a religou antes. Eu a acho um pouco assustadora.

— Como assim?

— Eficiente demais. Além disso, não parece uma androide. Não tem nada que entregue que não é humana, como normalmente acontece. Nunca gagueja, nem fica com olhar de paisagem quando processa alguma informação. Definitivamente, é um equipamento top de linha. Sei que ela não se *sentiu* chocada nem triste de verdade, mas me pareceu que sim. Ela me perguntou se alguém iria entrar em contato com os pais dele. Isso é pensamento ativo, não parece coisa de androide.

— Ou é apenas uma programação meticulosa e completa. Vamos descobrir mais sobre a U-Play. Ninguém compra um tríplice neste bairro por uma ninharia. Vamos descobrir quem ganha toda essa grana e quem está na fila para assumir o controle da empresa. Precisamos saber no que ele estava trabalhando. E quem era tão bom nisso quanto ele.

Ela fez uma pausa e olhou ao redor da sala mais uma vez.

— Alguém entrou aqui, passou pela androide e adentrou aquele quarto sem deixar rastros.

Ela só conhecia uma pessoa que conseguiria desvendar isso — e era casada com ele. Talvez Roarke conhecesse mais alguém.

— Nossa prioridade é tirar o disco do console do salão holográfico e executar o programa.

— A equipe de eletrônicos já está a caminho, e os peritos também. Um dos policiais já apreendeu todos os discos de segurança das últimas vinte e quatro horas.

— Você continua aqui vasculhando cômodo por cômodo. Vou notificar os parentes mais próximos pelo *tele-link*. Depois, veremos o que a Divisão de Detecção Eletrônica pode fazer por nós e, por fim, faremos uma visita à sede da U-Play.

Ela ficou parada por alguns minutos depois de enviar a notificação, esperando tudo se acalmar. Acabara de destruir a vida de duas pessoas que ela sequer sabia que existiam menos de uma hora atrás, refletiu, sentada na beira da cama de Bart

Minnock. Eles nunca mais seriam os mesmos, nada seria como antes.

Assassinatos faziam isso. Destruíam algumas vidas, esmagavam outras, mudavam todas para sempre.

Afinal de contas, por que alguém precisava ou queria acabar com a vida de Bart Minnock? E por que escolheria um método como aquele?

Dinheiro. Inveja. Vingança. Segredos. Paixão.

Por tudo que Eve descobrira até agora, fazendo uma rápida varredura nas suas finanças, era que ele tinha dinheiro. Certo, ele tinha muito dinheiro e a U-Play era uma empresa forte e jovem. Seu primeiro instinto foi acreditar nas palavras de CeeCee. Nenhum ex-namorado ciumento. Mas o dinheiro, muitas vezes, gerava inveja. A vingança poderia vir pelas mãos de um concorrente ou de um funcionário que se sentia humilhado ou pouco reconhecido. Segredos todos tinham alguns. Paixão? Os videogames certamente eram a paixão da vítima.

Método: assassinato durante um jogo. Algo até poético, de um jeito doentio. Decapitação. Separe a cabeça — o cérebro — do corpo, e ele cai. Minnock era o cérebro da U-Play, pelo que pareceu em sua rápida investigação. O corpo cairia sem ele? Ou alguém já estava pronto, apenas esperando para assumir o controle?

Quaisquer que fossem as respostas, o método tinha sido ousado, intencional e complexo. Ela e Deus sabiam que havia outras maneiras mais fáceis de matar. Era muito provável que o assassino fosse tão focado e dedicado aos videogames quanto a vítima.

## CAPÍTULO DOIS

Eve ouviu McNab antes mesmo de vê-lo. Se fosse uma adolescente histérica em vez de um homem adulto, ela teria considerado aquele som como um gritinho.

— Meu Jesus Cristinho! Este lugar é *mag* ao cubo!

— Acalme-se, garoto. Isto é uma cena de crime.

Eve gostou da reprimenda de Feeney, mas reconheceu traços de empolgação no tom do capitão. O chefe da DDE tinha sido seu parceiro alguns anos antes; não era apenas um homem adulto, refletiu, mas também um avô amoroso.

De qualquer modo, talvez todos os *e-geeks*, no fundo, fossem crianças para sempre.

— Alguém deveria dizer alguma coisa aqui. Uma espécie de oração.

Quem disse isso foi Callendar, a ajudante que eles também tinham trazido. Os murmúrios reverentes que ela emitiu fizeram com que Eve sacudisse a cabeça. Talvez esperasse mais daquela figura, já que Callendar era mulher.

Eve foi até a escada e olhou para os três. Viu a cabeça grisalha de Feeney — o ruivo misturado ao prata —, reparou nas escandalosas calças cargo em tom laranja de McNab e na estampa de raios de sol na blusa de Callendar.

— Quando vocês deixarem o espanto e a cafonice de lado, talvez possam vir aqui em cima. Temos um pequeno assassinato desagradável para desvendar.

Feeney olhou para cima, e Eve viu que ela estava certa... Havia um rubor de empolgação no rosto geralmente triste dele. McNab simplesmente sorriu, e os pequenos saltos que dava ao caminhar faziam balançar seu rabo de cavalo louro. Callendar, pelo menos, teve a graça de parecer um pouco envergonhada quando encolheu os ombros.

— Este lugar é um santuário para tudo relacionado a eletrônicos e

videogames! — exclamou McNab.

— Tenho certeza de que o cara morto aqui em cima ficaria feliz com a sua aprovação. Salão holográfico, terceiro andar.

Ela subiu sem esperar resposta, mas parou por um momento ao ver que Morris, o chefe dos legistas, vinha subindo; ele não tinha enviado um dos seus assistentes para a cena do crime. Em vez disso, tinha ido pessoalmente.

Ele estava com boa aparência naquele dia, mas, geralmente, era assim. Seu terno preto liso não parecia fúnebre, graças aos toques de prata na mecha entrelaçada em sua comprida trança e no padrão sutil da sua gravata. Ainda assim, parecia estar usando preto com mais frequência nos últimos tempos, e Eve entendeu que aquilo era um sutil sinal do luto que sentia pela perda de sua amada.

Foi a vida dele que Eve destruiu em uma bela manhã, na primavera passada; ela sabia que a vida dele nunca mais seria a mesma por causa daquela perda.

Ele deve ter ouvido os pensamentos de Eve enquanto examinava o corpo, porque disse:

— Isso é algo que não se vê todos os dias, mesmo no nosso trabalho.

— Foi o que eu disse.

Ele ergueu os olhos, e o seu rosto exótico pareceu suavizar com um sorriso.

— Muitas vezes, as pessoas perdem a cabeça por causa de um assassinato. Quando as informações chegaram, quis ver a cena do crime com meus próprios olhos — Ele apontou com o queixo em direção à cabeça. — Pelos respingos e pela poça de sangue, parece que aquela parte dele deixou esta aqui para trás com muita rapidez e muito “splash”.

— Esse é um termo médico?

— Claro. *Zap e splash*. É uma pequena piada do destino que o rosto tenha caído com os olhos virados para a porta. Parece que o pobre infeliz morreu antes mesmo de perceber que sua cabeça tinha ganhado asas, mas vamos examiná-lo por inteiro para ver o que encontramos.

— Foi preciso muita força para decapitá-lo com um golpe só, além de uma lâmina muito afiada.

— Concordo.

— A namorada tem menos de um metro e sessenta de altura e acho que uns cinquenta quilos. Não teria força para isso. Mas um androide teria, certo?



— Possivelmente, se a programação fosse alterada e aprimorada.

— Não encontrei nada que indique autoextermínio, mas, uma teoria lógica, dadas as circunstâncias, é que talvez ele quisesse deixar essa existência de um jeito chamativo. Programou a androide, ela fez o trabalho, descartou a arma e religou o sistema de segurança. Parece bobagem, mas é uma possibilidade.

— As pessoas costumam fazer coisas incompreensíveis. É isso que as torna tão fascinantes. Ele estava jogando?

— Pelo visto, sim. Seja qual for o jogo, ainda está preso dentro do console. — Ela apontou para os controles. — A DDE está subindo. Talvez ele tenha colocado a androide para jogar com ele e alguma coisa tenha dado errado. — Ela balançou a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos. — Só que isso não explicaria uma reprogramação independente. É de última geração, segundo Peabody, mas algo assim está além do que se conhece. Androides exigem que um operador humano altere a sua programação.

— Até onde sei, sim, mas não entendo muito dessas coisas. Em geral, androides que parecem clones de humanos têm um ar um pouco assustador e são dignos de pena.

— E como! — Ela tirou a mão do bolso e apontou para ele em sinal de aprovação. — É exatamente assim que penso.

— E, já que não fazem coisas incompreensíveis sem que um humano os programe, não são assim tão interessantes. — Morris deu de ombros e se levantou. — Você deveria perguntar ao seu consultor civil para esses assuntos. Acho que ele saberá explicar tudo que precisamos saber.

— Vou ver o que os *geeks* do departamento têm a dizer antes de ligar para Roarke.

— Uau.

Ela se virou para ver os tais *geeks*, que finalmente tinham aparecido.

— Uau mesmo! — repetiu McNab. — Puxa, isso é uma perda lamentável... Bart Minnock, o jovem gênio.

— Sempre achei que a cabeça dele iria se destacar da dos outros... — Callendar estremeceu diante do que disse. — Desculpem.

— É inevitável. O corpo é de Morris. — Eve apontou com o polegar para os dois pedaços de Minnock e, depois, para o painel de controle. — Aquilo é de vocês. Parece que a vítima entrou aqui para jogar ou, talvez, testar um novo

programa. Seja lá o que ele tenha colocado no console ainda está lá. Parece codificado e à prova de falhas. Preciso disso sem danificar o disco ou o console. Quero que o sistema de segurança desta porta e da porta de entrada seja examinado minuciosamente. Os registros dizem que ninguém entrou ou saiu depois que ele trancou a porta, mas, considerando que ele não fez isso com as próprias mãos, os arquivos foram adulterados. Peabody e eu estaremos trabalhando no resto da casa. Já que todo mundo aqui está com a cabeça no lugar... Viram só como é inevitável? Espero algum progresso quando voltarmos para a Central.

Ela os deixou trabalhando e fez sinal para chamar sua parceira.

— A polícia interrogou os vizinhos — anunciou Peabody assim que saíram. — Como o apartamento dele ocupa os três últimos andares do prédio, não conseguimos nada. O porteiro de plantão na noite passada respondeu ao nosso chamado. Confirmou a hora da chegada da vítima e jura que ninguém veio ver Minnock, nem circulou pelos últimos andares até a namorada chegar hoje de manhã.

— Um *e-geek* inteligente trabalha, emprega e conhece outros *e-geeks* inteligentes. Vamos descobrir quem não gostava do bom e velho Bart.

A U-Play ocupava toda a extensão de um antigo armazém reformado. Havia muita atividade no ar e algo mais, que Eve sentiu como uma energia efervescente que zumbia à sua volta. Vindos dos incontáveis computadores e telões até os laboratórios e escritórios abertos, ouviam-se sons de colisões de veículos, guerras espaciais, gargalhadas maníacas, ameaças de bomba e comemorações de vitória.

Pequenos mundos, fantasias complexas, competições sem fim, pensou Eve. Como alguém ali conseguia se manter sério?

Algumas daquelas pessoas mal tinham idade para comprar bebidas alcoólicas. Todas vestiam roupas com cores berrantes, muito largas e confortáveis, e se espalhavam pelos quatro andares abertos do lugar. Eve teve a impressão de que todos falavam ao mesmo tempo em seus incompreensíveis jargões nerds, enquanto operavam dispositivos portáteis, se comunicavam através de headsets, jogavam em telas inteligentes e saboreavam uma variedade de refrigerantes.

Era como a DDE, só que estimulada por zeus, uma droga poderosa.

— Isso aqui é o mundo dos nerds! — exclamou Peabody — Ou a galáxia

*geek*. Não consigo decidir qual porque são muitos nerds e *geeks*.

— É o mundo dos nerds na galáxia *geek*. Como eles conseguem ouvir os próprios pensamentos? Por que ninguém fecha as portas das salas?

— Na condição de alguém que mora com um *geek* meio nerd, posso afirmar que eles alegam que o barulho, o movimento e o caos basicamente os mantêm ligados.

— A cabeça dele deveria explodir. — Eve observou as pessoas subindo e descendo nos antigos elevadores de carga revestidos de vidro ou correndo para cima e para baixo em escadas de ferro — todas calçando botas pesadas ou sapatos com sola maleável. Outros descansavam em poltronas reclináveis e sofás, focados em videogames, com o olhar vidrado de maratonistas.

Eve agarrou uma jovem que vestia o que lhe pareceu um macacão todo salpicado por respingos de tinta feitos por uma criança de três anos enlouquecida.

— Quem está no comando?

A mulher, que tinha vários piercings nas orelhas, nariz e sobrancelhas, piscou duas vezes.

— Como assim?

— Deste lugar. — Eve levantou um braço e o girou para abranger toda a loucura.

— Oh... Bart. Mas ele ainda não chegou. Acho que não.

— Quem é o seguinte na cadeia de comando?

— Há...

— Vamos tentar de outro jeito. — Eve exibiu o distintivo.

— Oh, caramba. Somos todos legalizados e tal... se você quer falar sobre licenciamentos para jogos ou algo assim, procure Cill, Benny ou Var.

— Onde encontro Cill, Benny ou Var?

— Há... — Ela apontou para cima. — Provavelmente, estão no terceiro andar — Ela girou o corpo, olhando para cima. — Benny está bem ali, no terceiro andar. Conseguir ver aquele cara muito alto com *dreads* vermelhos no cabelo? Eu tenho trabalho a fazer, ok? Então... fui!

Benny Leman tinha mais de dois metros de altura, pela avaliação de Eve, mas pesava cerca de noventa quilos, como se seu corpo tivesse emagrecido subitamente. Era um varapau com pele cor de ébano e a cabeça coberta por

largos *dreadlocks*.

Quando elas chegaram ao terceiro andar, os tímpanos de Eve pareciam latejar com o barulho, e seus olhos se contraíam com força diante do ataque de cores e imagens. Eve decidiu que a U-Play, na realidade, era o sétimo círculo do inferno de Dante.

Encontrou Benny fazendo os típicos gestos de *e-geek* enquanto gritava palavras estranhas no headset, operava um tablet com uma das mãos e digitava em uma tela virtual com a outra.

Mesmo assim, ele conseguiu dar um sorriso branco ofuscante para ela e erguer a mão pedindo que aguardasse um instante. Suas palavras eram um zumbido confuso a respeito de nano, placas-mãe, terabytes e CGI.

O *tele-link* em sua estação de trabalho entulhada de coisas tocou, e, quando seu bolso emitiu os sons, Eve percebeu que ele tinha outro *tele-link* ali. Alguém chegou à porta, levantou o polegar de uma das mãos, balançou a outra para a frente e para trás. Benny respondeu acenando com a cabeça, deu de ombros e remexeu em alguma coisa; isso pareceu satisfazer o seu colega de trabalho, que foi embora.

— Desculpe. — Em uma voz bonita, com um leve sotaque jamaicano, Benny ignorou os toques e bipes para oferecer outro sorriso. — Estamos um pouco atolados por aqui hoje. Se veio fazer a entrevista, é melhor procurar Cill. Eu posso...

— Sr. Leman. — Eve ergueu o distintivo. — Sou a tenente Dallas, da polícia de Nova York. Esta é a minha parceira, detetive Peabody.

— Puxa vida! — Embora o sorriso permanecesse no lugar, ele pareceu intrigado. — Alguém está em apuros?

— Podemos dizer que sim — Eve apontou para Peabody, mandando que ela fechasse a porta. Assim como as paredes, a porta era de vidro, mas, pelo menos, abafava parte do barulho. — Pode desligar a sua tela?

— Ok. Estou em apuros ou algo assim? Ah, merda, Mongo falou alguma besteira pelo *tele-link*? Não fui para casa ontem à noite, mas meu androide deveria cuidar dele. Eu...

— Quem é Mongo?

— Meu papagaio. Ele é um bom menino, mas gosta de usar o *tele-link* para passar trotes.

— Não estou aqui por causa do seu papagaio. Vim por causa de Bart Minnock.

— Bart? Bart está com problemas? Isso explica por que não consigo encontrá-lo. Mas Bart não faria nada ilegal. Ele precisa de um advogado? Acho que é melhor... — Algo surgiu em seu rosto, um novo tipo de perplexidade e as primeiras sombras do medo. — Ele está ferido? Houve um acidente?

— Sinto muito ter de lhe comunicar que o sr. Minnock foi assassinado ontem.

— Ah, qual é?! — Uma raiva instantânea substituiu o medo. — Ele estava aqui ontem. Nada a ver. Bart sabe que aguento pegadinhas numa boa, mas isso não tem a menor graça.

— Isto não é uma pegadinha, sr. Leman — confirmou Peabody, com voz suave. — O sr. Minnock foi morto no final da tarde de ontem, na casa dele.

— Nã-não... — A comovente negação infantil saiu acompanhada de lágrimas, que brotaram de seus profundos olhos escuros. Benny deu um passo cambaleante para trás e caiu sentado no chão. — Não. Não o Bart. Não!

Para manter seu rosto no mesmo nível do dele, Eve se agachou.

— Sinto muito pela sua perda. Sei que isso é um choque, mas precisamos fazer algumas perguntas.

— Na casa dele? Mas Bart tem segurança. Um bom sistema de segurança. Só que confia em todo mundo. Ele deixou alguém entrar? Eu não entendo. — Ele olhou para ela com ar suplicante enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. — Tem certeza?

— Tenho, sim. Conhece alguém que quisesse feri-lo?

— Não o Bart. — Benny balançou a cabeça. — Não ele. Como aconteceu? Como assim ele está morto?

Ela não quis divulgar os detalhes.

— Quando foi que você o viu pela última vez ou teve contato com ele?

— Ele saiu mais cedo ontem. Não tenho certeza. Cerca de quatro da tarde, talvez. Tinha um encontro com CeeCee, a namorada dele. E tinha algumas coisas para fazer em casa. Estava muito feliz. — Ele agarrou a mão de Eve. — CeeCee? Ela está ferida? Ela está bem?

— Sim, está bem. Ela não estava lá.

Com a respiração ofegante, Benny fechou os olhos.

— Não, claro, isso mesmo. Ele ia jantar na casa dela. — Esfregou as mãos no rosto e o cobriu com elas. — Não sei o que fazer.

— Ele estava tendo algum problema aqui, com a empresa ou com funcionários?

— Não. Não. As coisas aqui estão bem. Tudo muito bem. É um lugar feliz. Bart dirige um lugar feliz.

— E quanto aos concorrentes?

— Nada de importante. Alguns tentam invadir nosso sistema ou colocar informantes aqui dentro. É assim que a coisa funciona, como em qualquer outro negócio. Bart é cuidadoso. Somos todos cuidadosos. Temos uma ótima segurança. Selecionamos as pessoas, realinhamos a equipe regularmente.

A porta se abriu. Eve olhou para trás e viu uma deslumbrante mulher asiática com cabelos negros amarrados à altura da nuca, deslizando até a cintura. Seus olhos brilhavam com um tom de verde claro em seu rosto de estrutura delicada.

— Bens, que diabos está acontecendo? Estou atolada e você está parado aqui... o que houve? — Ela correu e se agachou ao lado dele. — O que aconteceu?

— Bart, Cilly, é o Bart. Ele está morto.

— Ora, não seja idiota. — Ela bateu no braço dele e começou a se levantar, mas ele a agarrou pela mão.

— Cilly, é verdade. Essas pessoas são da polícia.

— Do que você está falando? — Sua reação foi de insulto quando ela se levantou de forma elegante e olhou para Eve. — Mostrem os distintivos.

Ela pegou o distintivo de Eve e retirou um pequeno *scanner* do bolso.

— Ok, parece verdadeiro, só que... — Ela parou de falar e sua mão tremeu um pouco quando olhou para o nome no distintivo e para o rosto de Eve. — Dallas... — sussurrou. — Você é a tira do Roarke.

— Eu sou da Polícia de Nova York — corrigiu Eve e pegou o distintivo de volta.

— A tira do Roarke não faz pegadinhas — Cill se ajoelhou e envolveu os ombros de Benny com um braço. — O que aconteceu com Bart? Meu Deus, que merda, o que aconteceu com Bart?

— Existe algum lugar onde possamos conversar em particular, sem ser no térreo? — quis saber Eve.

— Há... — Cill passou a mão pelo rosto. — Na sala de descanso, no andar de cima. Posso esvaziá-la para conversarmos. Mas precisamos de Var. Temos de ouvir tudo juntos antes de... antes de contarmos aos outros. — Ela se virou e apoiou a testa em Benny. — Vou liberar a sala e chamar Var. Por favor, me deem só um minutinho. Benny as levará até lá. — Ela se recostou um pouco, apoiada nos tornozelos, e respirou fundo antes de encontrar os olhos de Eve novamente. — Você investiga assassinatos, eu a conheço. Mas então... isso significa que Bart foi... Eles o machucaram? Por favor, me conte apenas se o machucaram.

— Só posso lhe dizer que acredito que foi tudo muito rápido.

— Ok. Certo. Você as leva lá para cima, Bens, e não conte nada a ninguém até sabermos o que aconteceu. — Ela segurou o rosto dele por alguns segundos. — Aguarde só mais um pouco.

Ela se levantou e saiu correndo.

— Qual é a sua função aqui, Benny? — perguntou Eve. — A sua, a de Cill, a de Var. Qual é a ordem hierárquica?

— Bem... no papel, somos todos vice-presidentes da empresa. Mas Cill é a faz-tudo. Sou eu quem põe a mão na massa; Var é o cara das ideias. Todo mundo aqui sabe que pode procurar um de nós, ou Bart, se tiver uma ideia ou algum problema.

— E qual era o título não oficial de Bart?

— O cabeça. — Seu sorriso vacilou. — Ele é sempre o mais inteligente da sala. Acho melhor levar vocês lá para cima.

Quando chegaram, os telões das paredes estavam desligados; os computadores, silenciosos; e todas as cadeiras da sala estavam vazias. Cill ficou olhando para uma das várias máquinas de venda automática. Elas ofereciam cafés sofisticados, todas as marcas de refrigerantes do planeta e um estoque de petiscos que funcionava 24 horas por dia. Eve imaginou que os AutoChefs dali eram tão incríveis quanto os da casa de Bart e teve um súbito desejo de comer pizza.

— Pensei em tomar um energético, porque é o que sempre tomo — murmurou Cill —, só que perdi a vontade. — Ela se virou. — Var está chegando. Não contei a ele o porquê de precisarmos da sua presença. Achei que... enfim, vocês querem alguma coisa? Posso usar o meu crachá.

— Não, obrigada, estamos bem — disse Eve.

— Sente-se, Benny. — Cill pegou o crachá, selecionou uma garrafa de água e a entregou a Benny. — Beba um pouco.

Ela cuidava dele, pensou Eve. Não como uma amante, mas como uma irmã coruja.

Cill voltou à máquina e selecionou um café.

— É para o Var — explicou. — Ele vai querer café.

Var chegou logo depois, um homem robusto, cerca de trinta anos, vestindo as imensas calças cargo que McNab adorava usar, só que em cáqui, uma cor que não agredia os olhos; seus tênis, porém, muito gastos, tinham o mesmo tom vermelho vivo de sua camisa. Os cabelos castanhos cortados muito curtos emolduravam um rosto que se situava entre simpático e rústico.

— Caraca, Cill, já disse que estou atolado em trabalho. Não há tempo para pausas. Ainda não consegui entrar em contato com Bart e tenho uma pilha de merda para resolver antes de...

— Var... — Cill passou o café para ele. — É melhor você se sentar.

— Nada disso! Preciso voltar ao trabalho, sério. Conte logo qual é o problema e... — Nesse instante, ele notou a presença de Eve e Peabody. — Desculpem. — Seu semblante se abriu em simpatia quando ele sorriu. — Não sabia que tínhamos companhia. Vocês são as representantes da Gameland? Eu só esperava a chegada de vocês à tarde. Eu estaria mais preparado para conversarmos depois do almoço. Provavelmente.

— Estas são a tenente Dallas e a...

— Detetive Peabody.

— Sim. — Cill respirou fundo e fechou a porta de vidro. — Elas estão aqui por causa de Bart.

— Bart? — Uma risada rápida explodiu. — O que ele aprontou? Ficou bêbado e foi em cana? Vamos ter de pagar fiança?

— Sente-se, Var — murmurou Cill.

— Por quê? O que houve? — O ar divertido desapareceu. — Ai, cacete, que merda, ele foi assaltado ou algo assim? Está ferido? Está bem?

— Somos da Divisão de Homicídios — anunciou Eve. — Bart Minnock foi assassinado.

O café escorregou da mão de Var e derramou sobre seus chamativos tênis vermelhos.



— O que você quer dizer? Como assim?

— Sente-se, Var. — Cill puxou uma cadeira para ele. — Sente aí e não se preocupe com a sujeira, limpamos tudo depois.

— Mas isso é loucura. Bart não pode estar... quando? Como?

— Em algum momento entre quatro e meia e cinco da tarde de ontem, no apartamento dele, a alguns quarteirões daqui — afirmou Eve — Ele foi encontrado por CeeCee Rove no início desta manhã, no salão holográfico. Foi decapitado.

Benny deu um suspiro estrangulado, e o silêncio tomou conta da sala. Ao lado dele, Cill ficou mortalmente pálida. Sua mão desabou, e Var a segurou.

— Alguém arrancou a cabeça dele? — Quando Cill começou a tremer, Benny colocou um braço em volta dela e os três se mantiveram sentados no sofá, colados uns aos outros. — Alguém arrancou a *cabeça* de Bart?

— Exatamente. Parece que ele estava no salão holográfico no momento do ataque; estava jogando um videogame. A DDE, Divisão de Detecção Eletrônica, está trabalhando para remover o disco do console holográfico. Preciso verificar os álibis de vocês entre as três e as seis da noite de ontem.

— Nós estávamos aqui — disse Cill, baixinho. — Estávamos todos aqui. Bem, eu saí um pouco antes das seis. Tinha uma aula de ioga às seis em ponto. A academia fica aqui mesmo na rua, na Blossom. Benny e Var ainda estavam aqui quando saí.

— Acho que fiquei aqui até seis e meia — pigarreou Var. — Fui... fui direto para casa. Meu grupo está trabalhando em um videogame... um jogo chamado *Warlord*, e ficamos jogando das sete às dez. Benny ainda estava na empresa quando saí, e já estava aqui hoje quando cheguei para trabalhar, às oito e meia da manhã.

— Sim, trabalhei até muito tarde e acabei dormindo aqui mesmo. Alguns dos funcionários também ficaram até sete ou oito da noite... não me lembro com exatidão, mas podemos verificar os registros. Fechei a empresa e trabalhei até cerca de uma da manhã, depois desabei. Nenhum de nós machucaria Bart. É como se fôssemos uma família. Somos uma família.

— Elas têm que saber. — Cill encostou a cabeça no ombro dele por um momento. — É uma das etapas. Você tem que passar pelas etapas até chegar à próxima fase. Se Bart deixou alguém entrar em seu salão holográfico, certamente

confiava na pessoa, ou...

— Ou... — incentivou Eve.

— Ele podia querer se exhibir. — A voz de Var falhou, e, mais uma vez, ele pigarreou.

— Como assim, querer se exhibir? No que ele estava trabalhando que quisesse levar para casa a fim de jogar e se exhibir?

— Temos muitas coisas em desenvolvimento — disse Var. — Há muitos produtos prontos para ser lançados, e outros projetos ainda passando por ajustes. Bart levava muitas cópias em disco para casa para testá-las, procurar defeitos, possíveis falhas e formas de aprimorar o trabalho. Todos nós fazemos isso.

— Então ele deve ter registrado a saída do disco, certo?

— Deve, sim. — Var pareceu ficar sem expressão. — Oh, eu poderia confirmar. Posso ir verificar.

— Vou com você. Peabody, continue aqui — disse Eve com um aceno de cabeça, e seguiu Var para fora da sala enquanto sua parceira continuava o interrogatório.

Eles pegaram um dos elevadores, e Var afastou as pessoas do caminho. Seus bolsos emitiam sons diversos; bipes, apitos e zumbidos. Ela o viu tentar atender algum dos aparelhos — um movimento instintivo —, mas logo deixou a mão cair.

— Eles vão saber, vão perceber que tem alguma coisa errada — avisou a Eve, apontando para os funcionários. — O que vamos dizer a eles? Não sei o que dizer a eles.

— Precisamos interrogar todos que trabalham aqui. Quantos são no total?

— Na sede? Setenta e poucos. Temos algumas dúzias de pessoas a nível nacional, que trabalham remotamente em vendas, testes, esse tipo de coisa. — Fez um gesto para ela, e eles entraram em um escritório que parecia a estação de comando de uma nave espacial.

— Esta é a estação de trabalho de Bart. É... uma réplica do CIC, Centro de Informação de Combate, da *Galactica*. Bart trabalha — trabalhava — melhor enquanto se divertia.

— Ok. Precisamos vasculhar as coisas dele aqui, levar computadores e comunicadores.

— Você não precisa de um mandado ou algo assim?

Ela o olhou com frieza.

— Você quer que eu traga um mandado?

— Não. Desculpe. — Ele passou a mão pelo cabelo e deixou as pontas levantadas em pequenos tufo. — Não. É só que... são as coisas dele. Tudo isso são coisas dele. Ele teria registrado qualquer objeto que levasse para casa. É um inventário. Nós quatro temos a mesma senha desta sala para podermos verificar tudo que entra e tudo que sai. Também existe um código secundário diferente para cada um de nós, que é exigido em nossos próprios computadores. Para evitar problemas, entende?

— Tudo bem.

Ele digitou a senha manualmente, de costas para Eve.

— Var — declarou ele para o sensor, e segurou o crachá para verificação.

*Var está liberado para entrar, anunciou o computador.*

— Mostre registros de saída de material que Bart tenha levado para uso externo no dia vinte e três de junho.

— Aumente o intervalo para uma semana — disse Eve.

— Ah, sim. Alterar para o período entre dezessete e vinte e três de junho.

*Um momento, por favor. Como vão as coisas, Var?*

— Já estiveram melhores.

*Sinto muito por ouvir isso. Aqui está sua lista. Posso ajudar em mais alguma coisa?*

— Não agora, obrigado. Não há nada que tenha saído daqui ontem. — Ele apontou para a tela. — Bart tem alguns projetos em desenvolvimento externo e trabalhou neles fora daqui durante a semana, mas os trouxe de volta e registrou a entrada. Ele não levou nada para casa ontem.

— Vou levar uma cópia dessa lista e uma cópia de qualquer um dos programas que ele tenha levado para casa esta semana.

— Nossa, puxa... Não posso fazer isso. Quero dizer, não posso lhe entregar

cópias das coisas que temos em desenvolvimento. — O rosto dele passou de chocado a desconfortável e preocupado. — É tudo... bem, confidencial. Ninguém, além de nós quatro, está autorizado a tirar algo daqui. Benny nem gosta de fazer isso até estarmos prontos para divulgar tudo. É por isso que ele acaba trabalhando aqui durante noites inteiras. Fica nervoso em levar para fora daqui algo que ainda não esteja devidamente preparado.

— Então vou trazer um mandado.

— Ah, cara... não sei o que fazer, não consigo pensar direito. — Lágrimas surgiram em seus olhos antes de ele se virar para escondê-las. — Preciso proteger a empresa, mas não quero fazer nada que atrapalhe a investigação. Nem sei se posso dizer sim ou não. Temos que fazer uma votação; nós três. Precisaríamos chegar a uma conclusão. Você poderia nos deixar fazer isso primeiro?

— Vou lhes dar um tempo. Há quantos anos você conhecia Bart?

— Desde a faculdade. Ele já era amigo de Cill e Benny. Eles se conheciam desde a escola, e, depois, nós simplesmente... veja o nosso logotipo. — Ele apontou para o logo da U-Play na tela. — Bart recebeu sugestões mais chamativas, algumas espetaculares, mas quis este aqui. O nome da empresa em um quadrado. Ele disse que esse quadrado éramos nós, porque era preciso o trabalho de nós quatro para que tudo acontecesse. Pode me dar licença por um minuto? Por favor. Eu só quero... um minuto.

— Fique à vontade.

Quando Var se retirou, o *tele-link* de Eve tocou.

— Dallas falando.

— Tenho uma boa notícia e outra má — anunciou Feeney.

— Quero ouvir a boa primeiro, porque esta manhã está uma bosta.

— Conseguimos extrair alguns detalhes do programa que está dentro do console. O nome é *Fantastical*, e está codificado como SED.12, sistema em desenvolvimento, décima segunda versão, pelo meu palpite. Consegui o registro dos direitos autorais da U-Play e a data da última edição, que ocorreu há dois dias.

— Ele estava jogando sozinho ou havia alguém com ele?

— O console estava definido para um só jogador, mas isso faz parte da má notícia. Não há como saber que diabo era *Fantastical* porque o disco se autodestruíu quando hackeamos a última barreira ao invadir o sistema.

— Merda.

— O aparelho quase derreteu. Podemos conseguir algo caso haja um milagre. Eles têm que ter uma cópia disso. É impossível esta aqui ser a única.

— Eu assumo a partir daqui. Preciso de uma equipe para apreender os equipamentos de trabalho da vítima. Tentem não explodi-los também.

— Isso dói, garota.

— Bem, isso é para que este dia se torne uma bosta para vocês também — disse Eve, e desligou antes de chamar Peabody pelo *tele-link*. — Preciso que você venha ao escritório da vítima. Comece uma busca preliminar e mantenha todos os outros longe do local. Estou indo para lá.

— Entendido. Já tenho as principais informações dos dois que estão aqui e vou levantar dados sobre os três. Vamos interrogar os funcionários hoje?

— Quanto antes, melhor. Vamos coletar os álibis de cada um e, depois, procuraremos mais informações.

— São mais de setenta pessoas, Dallas.

Ela suspirou.

— Eu sei. Entre em contato novamente com Feeney. Ele, McNab e Callendar podem vir ajudar. Afinal, todos falam esse idioma *geek*.

— Certo. McNab vai se mijar nas calças quando vir este lugar.

— Isso não vai ser divertido? Você vem para cá; eu vou para aí. Agora. — Eve desligou novamente.

A tenente não teve pressa de voltar. E percebeu que Var tinha razão: as pessoas sabiam que algo estava acontecendo, algo muito errado. Cabeças se viravam em sua direção, e sussurros a seguiam. O lugar cheirava a culpa, preocupação e uma leve sensação de empolgação.

*O que está acontecendo? O que eles aprontaram? Será que estamos em apuros?*

Ela viu Var caminhando na direção dela, parecendo destruído, e os sussurros viraram murmúrios.

Ela o deixou entrar na frente e fechou a porta.

— O que é *Fantastical*?

A pergunta foi respondida com um silêncio de puro choque.

## CAPÍTULO TRÊS

— Vou conseguir um mandado de busca e apreensão. — Eve acompanhou com o olhar todos os rostos à sua frente, em busca de um ponto fraco. — E a DDE vai verificar cada byte de cada arquivo. Vou fechar a empresa enquanto eles estiverem investigando. Isso poderá levar semanas.

— Mas você não pode fazer isso, não pode fechar a empresa — protestou Benny. — Temos mais de setenta pessoas trabalhando aqui e muitas outras que colaboram remotamente e dependem de nós. Sem falar nos distribuidores, nos contadores. E tudo que ainda está em desenvolvimento.

— Sim, é uma pena. Só que um assassinato atropela todo o resto.

— Eles têm contas, têm família... — tentou Cill.

— E eu tenho as duas partes de Bart.

— Isso é golpe baixo — murmurou Var. — Isso é muito baixo.

— Assassinato costuma ser golpe baixo. A escolha é de vocês. — Ela pegou o *tele-link*.

— Podemos chamar nossos advogados. — Cill olhou para Benny e, depois, para Var. — Só que...

— Um assassinato atropela todo o resto — repetiu Eve. — Meu mandado vai chegar e vou conseguir todas as respostas. Só vai levar mais tempo. Enquanto isso, o seu amigo ficará no necrotério. Mas talvez um jogo signifique mais para vocês.

— Não se trata apenas de um jogo. — A paixão aflorou na voz de Benny. — É a maior conquista de Bart, de todos nós, da empresa. Confidencialidade em nível máximo. E nós juramos manter segredo, juramos não falar sobre isso com ninguém que não estivesse diretamente envolvido no projeto. E, mesmo assim,

só falamos o necessário.

— *Eu* preciso saber. Ele o estava jogando quando foi morto.

— Mas... mas isso não é possível — espantou-se Cill. — Você disse que ele foi morto em casa.

— Exatamente. Havia uma cópia do *Fantastical* no console holográfico.

— Isso é um engano, não pode ser verdade. — Mais pálido agora, Var balançou a cabeça com força para os lados. — Ele não teria levado uma cópia de um projeto ainda em desenvolvimento para fora da empresa sem nos comunicar, muito menos sem registrar a saída. Isso é quebra de protocolo.

— Ele estava com o videogame em casa? Ele o levou sem contar a nenhum de nós? — Benny olhou para Eve com olhos que exibiam traição e choque na mesma medida.

— Ela só está tentando fazer com que contemos tudo a ela...

— Pelo amor de Deus, Var, use a cabeça! — exclamou Cill. — Ela não saberia sobre o jogo se eles não o tivessem encontrado na casa de Bart. — Quando ela pressionou os dedos sobre os olhos, meia dúzia de anéis brilharam e cintilaram sob a luz. — Ele andava muito empolgado porque o projeto estava quase pronto. Faltava pouco. Não entendo por que ele levou o disco para casa sem nos informar, ainda por cima sem registrar a saída. Ele é muito rígido quanto a isso, mas a verdade é que ele estava empolgado demais.

— Sobre o que é esse jogo?

— Trata-se de um videogame interativo de fantasia holográfica. É multifuncional — completou Benny. — O jogador, ou jogadores, escolhe o que fazer em um menu de configurações, níveis, enredos, mundos, eras... Ou pode criar suas próprias adaptações por meio dos recursos de personalização. Ele aceitará as escolhas pessoais do jogador, ações, reações, movimentos, e ajustará a situação de acordo com o pedido. É quase impossível reproduzir qualquer situação exatamente da mesma maneira duas vezes — continuou. — Isso sempre dará ao jogador um novo desafio e uma nova direção a seguir.

— Ok, isso é tecnologia de ponta em termos de diversão e custo, mas não é assim tão revolucionária — rebateu Eve.

— As características sensoriais são indescritíveis — garantiu Var. — Parece mais real do que a realidade, e o jogador tem a opção de adicionar mais recursos à medida que avança. Há recompensas e punições.

— Punições? — repetiu Eve.

— Digamos que você seja um caçador de tesouros — explicou Cill. — Talvez descubra pistas, ou pedras preciosas, artefatos, qualquer coisa, dependendo da fase e da cena. Mas, se você erra e estraga tudo, é transferido para outro desafio e perde pontos. Talvez seja atacado por forças inimigas, pode cair e torcer o tornozelo, pode perder seu equipamento em um rio turbulento. Se fizer tudo errado, o jogo acaba, e você precisa voltar ao início daquela fase.

— O programa *monitora* você — continuou Benny. — Sua pulsação, sua pressão sanguínea, sua temperatura corporal. É como um sensor médico. Ele adapta os desafios às suas características físicas específicas. Combina as sensações da realidade virtual mais avançada com imagens baseadas em realidade holográfica de altíssima qualidade. Você luta contra o dragão para salvar a princesa? Vai sentir o calor e o peso da espada. Mate o dragão, e a princesa ficará muito grata. Você também sentirá isso. Terá a experiência completa.

— E se o dragão vencer?

— Você recebe um solavanco violento. Nada doloroso, apenas um tremor e, como Cill disse, o jogo termina. Você pode iniciá-lo novamente a partir desse ponto, voltar ao início ou alterar um dos muitos fatores. Mas o programa também mudará. Ele se transforma e recalcula tudo — acrescentou, obviamente se empolgando com o assunto. — Os personagens de cada programa são aprimorados com a mesma tecnologia de inteligência artificial usada em androides. Seja amigo ou inimigo, eles estão programados para querer vencer tanto quanto o jogador.

— É um salto quântico em termos de tecnologia — disse Cill. — Um avanço fantástico na área de fusão de novas técnicas. Estamos trabalhando em alguns probleminhas de execução, mas temos planos para lançá-lo no de fim do ano. Quando isso acontecer, o valor de mercado da U-Play vai disparar. Bart queria uma estrutura mais amigável para o cliente e achava importante manter o custo baixo. Então pretendemos lançá-lo em versão doméstica, para fliperama, em várias plataformas e... é muito complicado.

— Investimos demais na tecnologia, no aplicativo, na programação, nas simulações. Se alguma informação vazar antes de estarmos prontos para o lançamento... — Os lábios de Var se apertaram com força.

— Isso poderia nos destruir — completou Cill. — É oito ou oitenta.



— Em seis meses, um ano no máximo, estaríamos no topo, junto com a SimUlate. Seríamos globais, universais — garantiu Benny. — Não seríamos mais novatos no mercado, nem “os jovens gênios dos videogames”. Estaríamos no mercado *de igual para igual*. Só que sem Bart no comando...

— Não sei se conseguiremos. Não sei como podemos fazer isso — disse Cill.

— *Temos* que fazer. — Var pegou a mão dela. — Não podemos perder essa chance. Bart começou, e nós temos que terminar. Vocês precisam manter o jogo em segredo — disse Var, olhando para Eve. — Vocês *precisam*. Se alguém colocar as mãos naquele disco em desenvolvimento...

— Ele se autodestruíu quando a equipe de eletrônicos tentou removê-lo do console.

— Sério? — Benny piscou duas vezes. — *Mag!* Desculpe... — emendou ele rapidamente. — Desculpe mesmo. É só que... Bart deve ter adicionado mais uma camada de segurança. É por isso que ele é o Bart.

— Quantas cópias existem?

— Quatro. Uma para cada um de nós, material de trabalho. Era nisso que eu estava trabalhando ontem à noite — acrescentou Benny. — Fiz uma simulação para jogar como operador, com um androide. Geralmente, trabalhamos nesse projeto depois que todos os funcionários vão para casa.

— Só vocês quatro sabem sobre esse jogo?

— Não exatamente. Todo mundo sabe que estamos trabalhando em algo grandioso. Temos ótimos cérebros aqui — afirmou Cill. — Nós os utilizamos. Mas ninguém sabe exatamente o que temos, só peças soltas. E, sim, alguns desses cérebros são espertos o suficiente para juntar muitas dessas peças. Mas tomamos todo o cuidado para sermos discretos. Vazamentos representam morte no negócio dos videogames.

---

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

---

00000>